

OS DOIS SENTIDOS DE UMA INSTITUIÇÃO: OFICINAS COM ADOLESCENTES PRIVADOS DE LIBERDADE

Autores:

Cristiane Rosa dos Santos - Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (UFSM) / Bolsista CAPES/DS;

Iara da Silva Ferrão - Psicóloga e Integrante do Grupo de Estudos Avaliação e Intervenções no Desenvolvimento Humano (UFSM);

Jana Gonçalves Zappe - Doutoranda em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Bolsista CNPQ;

Este trabalho apresenta um relato de experiência sobre a realização de oficinas promovidas com o intuito de convidar adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de privação de liberdade no Centro de Atendimento Socioeducativo de Santa Maria para participarem de uma pesquisa sobre a construção da identidade de adolescentes autores de atos infracionais. As oficinas trabalharam as questões éticas necessárias para que a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) não se configure como mera formalidade, mas como um processo de autonomia. A autora da pesquisa é a psicóloga da instituição, assim, adotaram-se providências para preservar um ambiente de maior simetria de poder entre pesquisadoras e adolescentes. Uma das providências tomadas foi que outras profissionais da psicologia ficaram responsáveis pela coordenação das oficinas, pela obtenção e assinatura do TCLE e, inclusive, pela coleta das informações a partir das entrevistas guiadas. Assim, as oficinas contaram com 8 adolescentes que preenchiem os critérios de inclusão e 3 pesquisadoras psicólogas, sendo uma delas a própria psicóloga da instituição que não trabalharia diretamente com os adolescentes neste momento. O objetivo deste trabalho é relatar esta experiência a partir do lugar de coordenadoras das oficinas. Inicialmente, as coordenadoras apresentaram-se e esclareceram os aspectos bioéticos pertinentes à pesquisas com seres humanos, logo seguiu-se para a exposição dos objetivos da pesquisa. Mostra-se interessante observar que enquanto as coordenadoras das oficinas conversavam com os adolescentes, estes pareciam receosos e desconfiados. A fala parecia não atingi-los, pois pareciam não entender o que era explicitado. A psicóloga da instituição mantinha-se afastada da cena, por entendermos que os adolescentes poderiam sentirem-se intimidados com uma representante da instituição devido às possíveis implicações da institucionalização. Neste momento, percebendo esta dinâmica truncada entre as coordenadoras e os adolescentes, a psicóloga da instituição se aproximou e explicou novamente o que já havia sido explicado pelas 2 coordenadoras, praticamente usando as mesmas palavras, porém a diferença estava no fato de que

os adolescentes confiavam nesta profissional que, por sua vez, representava a instituição. Percebemos que esta intervenção foi importante para o sucesso da pesquisa posteriormente desenvolvida, pois viabilizou um vínculo entre as coordenadoras e os adolescentes. O elo pela via da instituição foi fundamental para o andamento do trabalho, pois os adolescentes mostraram-se receptivos ao que era proposto por estarem tranquilos em relação as coordenadoras. Entendemos na prática que uma instituição pode significar dessimetria de poder, bem como, amparo. Aplicar este conhecimento nas intervenções tomadas no contexto de institucionalização contribui para o entendimento de aspectos importantes do contexto socioeducativo, o que é fundamental para ações bem sucedidas.

Palavras-chave: Instituição; Oficinas; Contexto Socioeducativo.